

AHMAD E A CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE CONTEMPORÂNEO

Salete de Almeida Cara
Universidade de São Paulo

Em 1995 Aijaz Ahmad, professor do Centro de Estudos Contemporâneos em Nova Delhi e do Departamento de Ciência Política no Canadá concedeu uma entrevista, integralmente reproduzida na oportuníssima publicação *Linhagens do presente* (São Paulo, Boitempo Editorial, 2002), onde reclamava do desprezo dos comentaristas pelos capítulos dedicados aos fundamentos críticos do seu polêmico livro de 1992, *In Theory*. Reclamação justa, pois não há como ter a dimensão exata do alcance de suas críticas a alguns de seus contemporâneos – os capítulos mais debatidos – sem refletir sobre seus pressupostos. Ao ler teóricos que pretendem falar do moderno imperialismo capitalista e de suas novas colônias, Ahmad enfrenta também, e de modo desassombrado, os antagonismos do presente: “a teoria pode ser corrigida somente por meio da autocorreção, com referência, *simultaneamente*, à história dos fatos assim como à sua própria pré-história e composição atual”.

Para esta edição brasileira (a organização e sugestão de publicação foi de Maria Elisa Cevalco e a excelente tradução de Sandra Guardini Vasconcelos) ele escolheu cinco ensaios de *In Theory*, além de outros três, mais a entrevista, do volume de ensaios políticos publicado na Índia em 1996 e de um volume voltado para questões indianas, publicado em Londres em 2000. Reafirmando sua opção marxista, Ahmad exige e expõe especificações sociais e políticas das teorias que comenta. Seus objetos de reflexão tem sido a descolonização da Ásia e da África, ciente de que não é possível colocar nesse mesmo baú as diversas especificidades históricas da América Latina. No entanto, um dos

seus pressupostos é justamente considerar que a lógica imperialista – universalidade dinâmica e desigual – organiza todo o sistema capitalista mundial.

Estar atento à “unidade real do mundo” significa, para Ahmad, não perder de vista a luta global entre capital e trabalho. E a “reestruturação globalmente diferenciada”, no interior do próprio capitalismo, pode ser observada tanto nas economias avançadas em processo de desaceleração, quanto nos continentes que, sob o domínio da lógica do capital, enfrentam a situação limite de desmantelamento sem ter sido possível repetir a transição capitalista à europeia. É nesse âmbito que polemiza, de modo conseqüente, com o marxista norte-americano Fredric Jameson, com Edward Said e com Jacques Derrida.

No caso de Jameson e Said pode-se dizer que, com as abissais diferenças, o assunto comum é geopolítico e o problema comum é considerar o nacionalismo como uma “energia cultural” do nosso tempo, o “momento utópico” da vida política moderna. Em Jameson, isso conduziu à valorização de um nacionalismo terceiro-mundista de expressão literária sempre alegórica. Um nacionalismo com “status quase religioso de uma metafísica unificadora, atravessando países e classes, não obstante as muitas nuances de seu argumento”. A “Teoria dos Três Mundos” seria um modo de Jameson responder, nos anos 80, ao impasse da espinhosa convergência entre Estados Unidos e União Soviética como duas formas de imperialismos, segundo a proposta maoísta. Mas, pergunta Ahmad, como falar num “Segundo Mundo” socialista em tempos de perestroika, conflitos sino-soviéticos e disputas envolvendo Khmer Camboja, Vietnã e China?

Ahmad mostra que, na contramão do que afirma o crítico americano, “há bem aqui, no ventre do pós-modernismo global do Primeiro Mundo, um verdadeiro Terceiro Mundo, talvez dois ou três deles”, sendo o próprio texto de Jameson uma mistura de Primeiro Mundo, e também de Segundo (pelo referencial marxista e identificação socialista) e de Terceiro (pela valorização e simpatia). Se as discordâncias com Jameson são reconhecidamente mais fáceis, dada a partilha do enfoque marxista, com Edward Said há diferenças “irreconciliáveis”, ainda que Ahmad preste solidariedade à “situação sitiada no meio da América imperial” do escritor palestino.

A era Reagan-Thatcher, com a guinada à direita dos países metropolitanos, foi oportuna para um curto circuito metodológico, conceitual e político,

alimentando um ecletismo teórico que grassou na academia americana. O imperialismo global consolidava, assim, um tipo de intelectual que começava a “colocar a palavra ‘fato’ entre aspas”. Nesse contexto, o *Orientalismo* de Said conferia à “Teoria dos Três Mundos” uma forma inteiramente nacionalista, desvinculada das relações produtivas e sociais. E se os poderes imperiais estariam tanto nas mãos dos Estados Unidos quanto nas da União Soviética, segundo Said, em nenhum momento ele pensa o imperialismo como possibilidade do próprio Estado burguês. Naquele momento Said procurava conciliar sua formação humanista, bebida em Auerbach, Curtius e Spitzer, com um Foucault do qual desprezava justamente a centralidade que esse conferia ao Estado burguês e à economia política (a “episteme ocidental”).

Posteriormente, viria um Said que já não amarra a questão da condição colonial à incapacidade “ontológica” do europeu para “produzir qualquer conhecimento verdadeiro sobre a não-Europa”. Já nessa outra fase afirma que as “lutas pela descolonização” se dariam no próprio “centro ocidental” e seriam conduzidas por “especialistas” através do consumo de ficções disponíveis no mercado internacional – as da África e da Ásia, menos “altas”, “autônomas” e “esteticamente independentes” do que “as literaturas francesa, alemã ou inglesa”. Veja o leitor o tipo de “virada” que Ahmad diseca!

Destaque-se, ainda, “Reconciliando Derrida: espectros de Marx e a política da desconstrução”, de 1996. Fiel a seu método de leitura, o texto de Derrida é submetido às determinações do seu tempo e, por isso, caracterizado como “performance ritual de enterro e de compensação”. Assumindo-se como herdeiro de Marx e opondo-se à hegemonia da direita neo-liberal triunfante, o desconstrucionismo acaba, no entanto, numa posição ambígua ainda que “involuntária”, segundo Ahmad, o que leva à sua plena aceitação pelos setores da esquerda anticomunista americana e também ao fortalecimento de um pensamento de direita.

Se para Derrida é impossível perceber que, num mesmo processo histórico, estão reunidas a derrota do comunismo, a vitória de um capitalismo brutal, a falência dos movimentos operários e ascensão dos fascismos europeus, o ensaio sobre Gramsci tem como ponto chave justamente sua capacidade de entender o fascismo como uma “crise estrutural do capitalismo” que encontrara, na formação econômico-social italiana, um tipo de sociedade capaz de transformá-lo num movimento popular.

Impossível resumir todos os passos deste brilhante ensaio, na contra-mão das leituras que vêm, em Gramsci, um pensador socialista no Ocidente democrata parlamentar. Aqui ele não é um crítico cultural, mas sim o líder comunista do maior levante operário europeu pós 1ª Guerra e Revolução Bolchevique. De modo que é a leitura de um intelectual periférico que vem, agora, resgatar Gramsci de seus leitores euro-comunistas e culturalistas (incluindo até mesmo o “marxismo ocidental” de Perry Anderson), ao mostrar as bases materialistas das questões gramscianas, inclusive as culturais. E se o fascismo é o tema central de Gramsci, a análise de Ahmad alerta, a partir dele, para as novas “maquinarias de irracionalidade de massa e violência”. Uma leitura fundamental para o debate contemporâneo.